

FACTUALIDADE NA EXPRESSÃO DO FUTURO DOS TEXTOS ESCRITOS

MARIA JOSÉ FERREIRA STROGENSKI (Mestranda - UFPR)

Resumo

Este trabalho foi escrito sob a ótica da Lingüística Textual e teve como fundamento teórico o livro “A Semântica do Acontecimento”, de Eduardo Guimarães. Trata-se de um ensaio, cujo intuito foi o de refletir sobre a factualidade da expressão do futuro nos textos escritos. Os estudos consultados sobre o uso do tempo futuro o descrevem como uma forma que remete à idéia de incerteza, de falta de factualidade em relação ao que se enuncia. Decidiu-se, então, analisar se esta falta de factualidade também estaria relacionada à língua escrita, isto porque, de maneira geral, os estudos sobre o uso do tempo futuro dizem respeito à língua oral. Para a realização deste trabalho partiu-se do pressuposto que um autor de um texto escrito tem pleno domínio dos acontecimentos neste texto, isto é, ele sabe em que momento os fatos acontecerão e se acontecerão ou não. Embora ele utilize a expressão de futuro para representar algo que está por acontecer, não é algo incerto, não há dúvidas para o autor, de como a estória se desenrolará.

1. INTRODUÇÃO

Ao realizar uma pesquisa sobre o uso da expressão do futuro no Português do Brasil (doravante denominado de PB), surgiram diversas questões sobre a forma como o corpus(1) deve ser analisado.

Em primeiro lugar, a pesquisa diz respeito ao fato de estar havendo uma mudança em curso no PB, quanto ao uso da expressão do futuro, pois duas formas estariam concorrendo: uma é a forma prescrita pelas gramáticas, isto é, o chamado futuro simples: “eu farei”, “tu farás”, “ele fará”, etc., e a outra é a forma perifrástica, em especial a forma composta com o verbo IR mais infinitivo: “vou fazer”, “vai fazer” etc.

Algumas pesquisas confirmaram(2), na língua oral, essa mudança em alguns dialetos, como é o caso da fala de Florianópolis. Entendeu-se que, se essa mudança estaria ocorrendo na língua oral, talvez já fosse possível verificar-se reflexos dela nos textos escritos, inclusive para se verificar se essa mudança seria tão recente quanto se pode imaginar estar acontecendo. Adotaram-se então, como cópulas, os textos literários.

Em virtude dos resultados atingidos em relação à língua oral e alguns resultados já conseguidos nos textos escritos, surgiu a questão sobre o porquê de os falantes necessitarem utilizar tantas formas diferentes para expressar o futuro. Porém, antes de se tentar chegar a algumas considerações sobre a questão, imaginou-se prioritário entender a idéia de factualidade em relação a expressão do futuro na linguagem. Isso, devido ao fato de alguns dos trabalhos analisados (como os já citados aqui) expressarem que, em se tratando de expressão do futuro na língua oral, sempre há ausência de factualidade. Mas e quanto aos textos literários, é essa uma premissa verdadeira?

Então foi utilizada a obra de EDUARDO GUIMARÃES, intitulada *Semântica do Acontecimento*, para servir de base teórica, tendo em vista que muitos dos pontos de vista do autor servem para respaldar a proposta deste trabalho, isto é, se há ou não “ausência de factualidade” no uso da expressão de futuro, em especial nos textos literários.

2. O LIVRO “SEMÂNTICA DO ACONTECIMENTO”

Tendo em vista, as dificuldades de se trabalhar com a marca de tempo no PB, uma vez que o falante não utiliza as formas expressas pelas gramáticas tradicionais para fazê-lo, ou conforme Corôa (2005) “... a gramática tradicional aprisiona os verbos portugueses em compartimentos estanques e impróprios demais para captar toda a sua

significação : os paradigmas verbais”, iniciou-se um estudo semântico para se determinar como é representado o tempo, sem problemas de ambigüidade e “ruídos” na comunicação. Isso porque, na língua oral ou na escrita, o falante utiliza-se de diversos recursos lingüísticos para expressar tempo e que, muitas vezes, não correspondem ao paradigma verbal proposto pela gramática tradicional. Inclusive, muitos desses recursos lingüísticos contrariam a forma verbal normalmente utilizada para expressar tempo. Um exemplo do que se quis dizer aqui foi retirado do livro *Terras do Sem Fim*, de Jorge Amado, no qual a idéia de futuro está expressa em uma narrativa na qual os verbos apareceram todos no pretérito perfeito, tratando de um acontecimento que iria acontecer:

“- Isso tu pensa... Antes de terminar de pagar tu já aumentou a dívida... Tu já comprou mais calça e camisa de bulgariana... Tu já comprou remédio que é um Deus nos acuda de caro, tu já comprou revólver que é o único dinheiro bem empregado nessa terra. E tu nunca paga a dívida...” (p. 103).

Este exemplo deixa clara a dificuldade que há em se tentar “formalizar” uma representação para a expressão do tempo, em uma língua como o PB.

Em seu livro, *Semântica do Acontecimento*, Eduardo Guimarães apresenta um estudo sobre o que ele denomina de “acontecimento” e temporalidade.

Em primeiro lugar, faz-se necessário definir o que o autor entende como “acontecimento” e seu posicionamento como Lingüista ao trabalhar com a linguagem.

Inicialmente o autor explicita sua visão de semântica e de acontecimento:

“É no espaço conformado por estas duas necessidades que procurarei configurar o que é para mim uma semântica do acontecimento. Ou seja, uma semântica que considera que a análise do sentido da linguagem deve localizar-se no estudo da enunciação, do acontecimento do dizer.” (p. 7).

Neste parágrafo, o autor, ao dizer que faz um estudo da enunciação, demonstra sua visão em relação ao que o falante diz, ou em que contexto o diz. Ao se estudar a expressão do futuro, seja na língua oral ou escrita, este posicionamento em relação ao enunciado oferece uma visão que possibilita uma compreensão da forma como o falante se coloca em relação ao tempo e à linguagem. É necessária esta visão do enunciado e do contexto de fala para que a noção de tempo na língua, oral ou escrita, se complete.

PONTES (1990), por exemplo, explica que o falante nem sempre consegue ter uma percepção do tempo como uma entidade abstrata. Para entendê-lo, ele necessita utilizar-se de metáforas de representação temporais, que normalmente transferem a noção do tempo para uma noção espacial ou mais concreta, como algo palpável. Por exemplo: é comum utilizar-se na fala expressões como: “O próximo feriado está perto”, ou “Você deve fazer tudo dentro do prazo”.

Em vista disso é possível concluir-se que a noção de tempo não se relaciona, apenas, a forma verbal. Normalmente faz-se necessário que se conheça o contexto do que se está dizendo, para que a noção de tempo aconteça.

Quanto ao aspecto da “ausência de factualidade” nas expressões de futuro, porém, o uso da forma da perífrase do verbo IR mais infinitivo, conforme se poderá verificar mais adiante, está relacionada pelo falante com uma maior intenção de fazer algo. Os exemplos abaixo podem explicar melhor essa idéia:

- a. Eu vou jogar bola amanhã.
- b. Eu vou jogar bola.
- c. Eu jogarei bola amanhã.
- d. Jogarei bola.

Nos exemplos “ a ” e “ c ”, é o uso do advérbio que determina a “factualidade” do que vai acontecer, isto é, o “quando” se vai fazer algo, fica evidente. A diferença maior, no entanto, está nos exemplos “b” e “d”. Nestes exemplos o uso da perífrase vem demonstrando, de fato, uma maior certeza do que se vai fazer e se esse fazer é algo planejado para breve.

Conforme estudos realizados sobre o uso das perífrases para expressão do futuro, os resultados expressaram essa idéia. Em seu trabalho, GIBBON (2000, p. 114) afirma que: “Por outro lado a forma perifrástica é favorecida por um contexto mais modal e centralizado no falante, muitas vezes garantindo a modalidade de intenção e certeza na expressão do fato.”

A pesquisa feita por GÖRSKI et ali (2002, 236), em sua conclusão, dirá que:

“Em contrapartida, a perífrase é predominante nos contextos *realis*, factuais, estando vinculada positivamente ao traço modal de maior intenção e certeza, e nos ambientes não dotados de traço temporal de futuridade, situação em que cabe ao verbo a função de indicar o tempo futuro.”

O exemplo “d”, demonstraria, portanto, a intenção de se fazer algo, mas não de “quando” se pretende fazer, isto é, é uma projeção futura, mas que demonstra um certo descomprometimento do falante. Nesse sentido, pode-se relacionar a idéia da “ausência de factualidade” ou não no uso da expressão do futuro, na língua oral. Ainda que o futuro implique na incerteza dos fatos, algumas coisas tem uma probabilidade maior de acontecerem ou não. Se o falante disser que vai jogar bola, há a certeza de que ele quer jogar bola. Ele poderá dizer que não foi hoje, nem poderá ser amanhã, mas que é algo que ele fará. Quanto a dizer que jogará bola, o falante deixa uma dúvida maior sobre a realização do fato, até porque ele passa a idéia de que é algo que ele tem a intenção de realizar, mas que tem um significado próximo ao de “Hei de jogar bola”.

Nesse ponto é importante a apresentação da idéia de “acontecimento” feita por GUIMARÃES:

“O que o caracteriza como diferença é que o acontecimento temporaliza. Ou seja, ele não está num presente de um antes e de um depois no tempo. Ele instala uma temporalidade: essa a sua diferença. De um lado o acontecimento constitui um presente e abre uma latência de futuro, sem a qual ele não é um acontecimento de linguagem, sem a qual ele não significa, pois sem ela nada há aí de projeção de sentido. O acontecimento tem como seu um depois incontornável e próprio do dizer. Por outro lado este presente e futuro próprios do acontecimento funcionam por um memorável que os faz significar.” (p. 59).

É nesse sentido que se instaura a “factualidade”: na idéia de realização de um acontecimento. E isso não significa enquanto marcação de tempo, mas de possibilidade de realização.

É possível dizer-se que o futuro, como tempo, só existe na linguagem. Ora, se é um tempo que ainda está por vir, que não se realizou, ele não existe em si, mas na língua. É através da linguagem que se pode planejar o futuro, organizá-lo, predizê-lo: “Amanhã vou sair e fazer compras”. Ao considerar-se a noção da Semântica dos mundos possíveis, o tempo futuro, na língua, será sempre um mundo possível, no qual as enunciações poderão ser formalizadas em verdadeiras ou falsas. Dessa forma, o que se diz do futuro pode ser entendido como verdadeiro, até que se prove o contrário. Portanto, é possível afirmar-se há factualidade no futuro, no que diz respeito à linguagem.

Vivendo em um mundo de convenções, entre as quais está a própria língua, e sendo uma dessas convenções a forma de se estabelecer medidas para o tempo, constituíram-se também na fala formas de representá-lo, através das quais o falante expressa a sua idéia, em um determinado momento da fala, de passado, presente e

futuro. Os verbos, por exemplo, no PB, sofrem flexão para dar idéia de algo que já aconteceu, que está acontecendo e que acontecerá.

Podemos dizer que a noção de tempo de um falante da língua se fará com enunciados sob pontos de partida diferentes. Entretanto, todo enunciado se baseará em um “acontecimento”.

O falante faz um enunciado atemporal, sobre determinados fatos. Esse aspecto atemporal da língua, diz respeito ao “locutor individual”. No momento que um locutor faz um enunciado no qual ele representa uma noção de tempo cronológico, isto é, “irei ao salão sexta-feira, dia 20 de fevereiro, às 14 horas”, este enunciado passa a ser de um “locutor social”, que respeita as convenções sociais de tempo, para a expressão de quando algo aconteceu ou acontecerá.

Quanto a isso o autor diz: “E exatamente porque o que faz o sentido do texto não é que ele está no tempo, mas que ele é temporalizado pelo acontecimento, põe o acontecimento na história.” (P. 65)

O “locutor individual” não necessita dessas convenções para se expressar. Por exemplo: se alguém diz “vou sair amanhã”, fora de um contexto social, por assim dizer, esse amanhã não significa nada. Poder ser algo dito há muito tempo, ou o “amanhã” em questão, pode não significar no dia seguinte ao da fala. Se entre uma conversa de amigos, alguém diz “prometo ir à sua casa amanhã”, esse será um enunciado atemporal. Ambos saberão que o amanhã, será depois de uma noite, no Brasil, bem entendido, ou depois que o sol se puser e surgir novamente. Nenhum falante enuncia, como um “locutor individual” algo como o exemplo, pensando em amanhã, sexta-feira, dia 16 de fevereiro. Ele só o fará como “locutor social, por razões de organização e convenção de tempo.

E é a isso que se refere a idéia de futuridade, de “latência de futuro”. O trecho abaixo explica melhor esse conceito:

“A temporalidade do acontecimento constitui o seu presente e um depois que abre o lugar dos sentidos, e um passado que não é lembrança ou recordação pessoal de fatos anteriores. O passado é, no acontecimento, rememoração de enunciações, ou seja, se dá como parte de uma nova temporalização, tal como a latência de futuro. É nesta medida que o acontecimento é diferença na sua própria ordem: o acontecimento é sempre uma nova temporalização, novo espaço de conviviabilidade de tempos, sem a qual não há sentido, não há acontecimento de linguagem, não há enunciação.” (p.12)

Exemplo disso é o registro de um trecho de uma conversa entre duas mulheres, conforme segue:

-“ Eu disse pra ela que ela tem que pensá no futuro. Ela tem que pensá no futuro, agora. No dia de amanhã, ela pode namorá , quando ela tive seus dezesseis, dezessete anos. Aí, ela faz o que quisé.”

Falante urbana, referindo-se a filha de 14 anos, em 15/02/2007..

Embora a falante tenha se referido ao futuro, ela utilizou a expressão “no dia de amanhã”, que pareceria bastante específica em tratar-se de um dia depois de outro. Contudo, ela refere-se ao dia de amanhã, como algo que acontecerá daqui a dois ou três anos. Os verbos, ou aparecem no infinitivo ou no presente do indicativo, não indicam de forma alguma uma idéia de futuro. A não ser pelo uso do verbo no pretérito, “eu disse pra ela”, os demais verbos indicariam presente, se dependessem de sua forma de representação. É o uso da expressão “no dia de amanhã”, acompanhada da indicação da idade da filha, que contextualiza a fala e que permite a idéia de ser algo que ainda acontecerá, isto é, que a menina poderá namorar dentro de alguns anos. Ao dizer que “...ela tem que pensá nisso” a falante entende que a filha não está pensando no futuro agora, mas que ela “terá” que fazê-lo “agora”. Portanto, embora o verbo esteja no presente do indicativo, ele não tem esse significado, isto é, de algo que acontece, ou está acontecendo, mas mais como um imperativo, no sentido

de algo que precisará ser feito.

Além dos verbos do exemplo não estarem de acordo com o prescrito pelas normas da gramática normativa (não aparecem na forma do futuro do indicativo), eles também são “atemporais”. Apesar da indicação de que a menina poderá namorar aos dezesseis ou dezessete anos, ninguém fora do contexto do enunciado sabe a idade da menina no momento da fala. Pode-se saber sobre algo que está sendo narrado, pelo uso do “eu disse”, e, portanto, há idéia de algo que já ocorreu, embora não se saiba quando, e sobre algo que poderá ocorrer, mas também não é possível se determinar quando: se daqui seis meses, um ano ou dois, ou dez. Esses uso de representação dos verbos e advérbios podem sinalizar a idéia de que o falante não tem preocupações com as marcas de registro de tempo, por assim dizer. Esse é o “acontecimento” proposto pelo autor, isto é, um fato que só tem valor temporal dentro das circunstâncias do falante. É o “acontecimento” que deixará seu registro no tempo. Esse “acontecimento”, diz respeito a cada indivíduo ou fato.

As pesquisas que tratam da expressão do futuro na língua oral, analisadas para este trabalho, ao contrário, consideram haver uma ausência de “factualidade” na expressão do futuro na língua oral. Para GORSKI et ali., (2002), por exemplo:

“O futuro (...) se caracteriza por ausência de factualidade, pois só aceita asserções segundo a avaliação que o falante faz da possibilidade / impossibilidade de ocorrência de um estado de coisas, o que mostra que há sempre um valor modal ligado ao valor temporal.” (p. 227)

O falante poderá expressar futuro dizendo “Eu estou lá amanhã”, “Eu vou estar lá amanhã” ou “Eu estarei lá amanhã”. As três formas, nesses exemplos, podem implicar em uma intencionalidade, quase uma promessa do que se quer cumprir. Todavia, também podem significar em uma intenção de expressar mais certeza, em maior ou menor grau, aquilo que se pretende fazer.

De acordo com GIBBON (2000, p. 48): “Dessa forma, o futuro lingüístico exprime sempre, junto a um valor temporal, um valor modal de não-factualidade, excluindo as sentenças que expressam *verdades científicas*,”...

Ainda que essa asserção possa ser considerada como de grande possibilidade, exemplos como os apresentados no início deste trabalho, no qual a representação de um diálogo que expressa idéia de futuro é feita com verbos no pretérito, demonstram que em alguns enunciados o falante pretende demonstrar quase uma fatalidade nos fatos, uma completa certeza do que irá acontecer. Outros exemplos, como “Será que eu serei feliz”, embora contenham o uso do futuro sintético, soam quase como filosóficos, questões de retórica, que não pretendem uma resposta, nem esperam nenhuma certeza. Portanto, em se tratando de língua oral, somente o contexto da fala é que permite uma análise de maior intenção ou não, de mais certeza ou não em relação ao enunciado.

E mais adiante, na mesma página a autora completará: “A não factualidade do futuro determina que a relação epistêmica do falante com os estados de coisas que as sentenças descrevem seja o ponto de asserção das proposições.”

Embora esta “ausência de factualidade” possa acontecer na língua falada, ao que parece, nos textos escritos esta é uma questão discutível.

Ao considerar-se as abordagens feitas por GUIMARÃES, em relação a posição do falante em relação ao tempo e à sua enunciação, no texto escrito há factualidade em relação à expressão do futuro. O uso de indicadores lingüísticos de futuro como os verbos e os advérbios são só instrumentais no texto escrito, por fazerem, de certa forma, parte da construção da estória narrada. Como acontece na fala, ou com base na obra de GUIMARÃES, o uso de expressões de futuro no texto escrito pode estar

relacionado ao antes ou depois dos acontecimentos aos quais o autor, ou o narrador se refere, isto é, o tempo é instaurado pelo acontecimento, ele é enunciativo.

3. CONCLUSÃO

O estudo do tempo futuro na linguagem não pode ser devidamente compreendido sem que se considerem os aspectos semânticos da língua e suas conseqüências. Não é possível estudar o uso de expressões de futuro somente dentro das orações, sem se considerar o contexto de fala. Tanto que as próprias gramáticas normativas utilizam o “modo” para expressão dos tempos na língua, por ser essa forma que manifesta as intenções, os posicionamentos do falante na enunciação.

No caso específico do tempo futuro, surge a necessidade de um pensamento mais aprofundado sobre como o falante o percebe e o manifesta na linguagem. E são as suas diversas formas de representá-lo que demonstram isso.

No caso dos textos escritos, porém, as análises merecem uma abordagem mais específica, mais dirigida. O texto escrito diverge muito da língua oral e freqüentemente não a representam de forma “real”. Sempre há uma filtragem na representação da fala e uma adequação de linguagem para que esta se aproxime mais das normas prescritas pela gramática. Entretanto, ao se pensar no uso do tempo futuro é necessário se estabelecer de que forma e com que propósito ele é utilizado. Voltando ao enfoque de GUIMARÃES sobre a idéia de “acontecimento”, parece que o uso das expressões lingüísticas para representação do tempo é mais instrumental do que precisamente uma representação de tempo. Como foi visto, não parece que o falante tenha preocupações com convenções de tempo para se expressar. Ele não o faz pensando em um determinado dia do calendário ou horário do relógio. Isso só acontece quando o falante assume um papel de “locutor social”, isto é, alguém que necessita estabelecer prazos dentro de uma comunidade, para a realização dos fatos. Porém, essa organização temporal é individual. É o falante quem decide quando fará ou não alguma coisa e se expressa para determinar uma ordem de acontecimentos. Isso se reflete na fala, conforme demonstra GUIMARÃES: “O sujeito não é assim a origem do tempo da linguagem. O sujeito é tomado na temporalidade do acontecimento.” (p. 12)

Sendo assim a noção de temporalidade do falante nada tem a ver com o seu uso de expressões para exprimirem noções de tempo na linguagem. Se é assim, a própria fala não significa intenção ou ausência de obtenção de factualidade. Ela não só busca garantias de acontecimento ou de realizações. Se em muitos exemplos de ocorrências na fala cotidiana isso pode ser percebido, na escrita a utilização de verbos ou advérbios para expressar tempo podem não ter somente relação com o tempo, mas com o “acontecimento” em si. É ele que interessa tanto para o autor quanto para o leitor. O posicionamento em relação ao tempo é meramente organizacional, instrumental, como forma de dar uma seqüência ordenada de fatos, para criar a trama e a dúvida. E em se tratando da narrativa, a expressão de futuro (ou de qualquer outra representação temporal) a constrói, ajuda no desenvolvimento da trama. Ela necessita ser factuais.

- (1) Adotamos a mesma grafia para “córpus”, empregada pela professora Odete Menon em seu trabalho sobre as *Perífrases com o verbo ir: variação e gramaticalização*.
- (2) Para este artigo foram tomados por base, por exemplo, os resultados obtidos nos trabalhos de GORSKI et alii, que trata da variação do uso da expressão do futuro na fala de Florianópolis e a tese de doutorado da GIBBON, que também aborda do assunto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática da língua portuguesa*. 7ª ed. Rio de Janeiro : FENAME, 1980

FARIA, Jorge Amado. *Terras do Sem Fim*. 34ª ed. São Paulo : Record, 1996. 320 p.

GIBBON, Adriana de Oliveira. *A expressão do tempo futuro na língua falada de Florianópolis: gramaticalização e variação*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis : UFSC, 2000.

GORSKI, Edair Maria, GIBBON, Adriana, PIMPÃO, Tatiana, et. al. *Variação nas Categorias Verbais de Tempo e Modo na Fala de Florianópolis*.
In: VANDRESEN, Paulino. (Org.). *Variação e Mudança no Português falado da região sul*. Pelotas : Educat, 2002.

GUIMARÃES, Eduardo. *Semântica do Acontecimento*. 2ª ed. Campinas, São Paulo : Pontes Editores, 2005.

MENON, Odete Pereira da Silva. *“Perífrases com o verbo ir: variação e gramaticalização”*.

PONTES, Eunice. *Espaço - Tempo na língua portuguesa*. São Paulo: Pontes editores. 1992.